

---

## AGENTES SOCIAIS E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: A ESTRUTURAÇÃO DO DISTRITO INDUSTRIAL DE UBERLÂNDIA

Júlio Cesar de Lima Ramires  
Prof. do Dep. de Geografia - UFU

Cláudia Maria de Freitas  
Bolsista de Iniciação Científica - CNPq - UFU

**RESUMO:** *Este estudo procura analisar o processo de criação e estruturação do Distrito Industrial de Uberlândia, ressaltando as contradições e os interesses dos diferentes agentes modeladores do espaço urbano.*

Palavras chaves: *Distrito Industrial, indústria e espaço urbano, agentes modeladores do espaço.*

**ABSTRACT:** *This study aims to analyse the raising and spatial organization of industrial district of Uberlândia. The social agent's action are steck out.*

Key words: *Industrial District, urban social agents, industry and urban space*

---

### INTRODUÇÃO

A cidade moderna é objeto de estudo de diversas ciências e a Geografia, por privilegiar os aspectos vinculados à dinâmica sócio - espacial, é sem sombra de dúvida, aquela que pode fornecer contribuições mais significativas.

PECHMAN (1994) afirma que as cidades que se desenvolveram com a Revolução Industrial representaram a grande novidade do século XIX, sendo um verdadeiro laboratório onde novas formas sociais, sistemas de saber e técnicas de poder são inventadas e implementadas. Além disso significaram um contraponto ao processo de urbanização de uma ordem antiga, tornando necessária a nova realidade urbana em constante movimento de transformação.

Esse movimento é produzido pela ação de diferentes atores sociais e, portanto, numa arena onde se desenrolam articulações e conflitos entre esses agentes. Para CORRÊA (1989) a ação desses agentes sociais se faz dentro de um marco jurídico que regula as suas atuações.

A cada momento histórico esses agentes

criam estratégias visando garantir seu "espaço" no contexto da acumulação e desenvolvimento do capitalismo, tendo portanto implicações na estrutura de poder da sociedade e na sua organização espacial.

Este trabalho procura analisar o processo de criação e estruturação de um espaço para a produção industrial - o Distrito Industrial de Uberlândia, evidenciando os conflitos e interesses em torno desse espaço.

Espera-se com isto apresentar alguns elementos que sirvam de subsídios para uma reflexão acerca dos processos sócio - espaciais que vêm gerando profundas e rápidas transformações da cidade de Uberlândia, principalmente após a década de 60.

### AGENTES SOCIAIS E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Dentre os primeiros trabalhos a discutir o tema sobre os agentes modeladores e o uso do solo no Brasil está o de BAHIANA(1978), que analisa as contribuições de vários autores, tais

como FORM (1975), CAPEL (1972), CLICHEVSKI 191975, HARVEY (1973) e BORJA (1975). Esses autores buscavam novas formas de interpretação da estruturação interna das cidades que se contrapusessem às determinações clássicas dos modelos de BURGESS e PARK. Assim sendo, a contribuição de cada autor pode ser apresentada da forma sintetizada a seguir:

- FORM (1975) é um dos primeiros autores a sugerir a idéia de um estudo do solo urbano em termo de estrutura social, propondo uma análise mais voltada para o social, para os grupos sociais, que competem entre si no processo de produção do solo urbano. Aponta quatro grupos como mais importantes no cenário urbano: a indústria imobiliária, os proprietários industriais, os proprietários individuais e inquilinos e o setor público. Segundo FORM, cada um deles tem seu papel no modelamento dos padrões de uso do solo .

- CAPEL (1972) identifica a ação de grandes empresas industriais e de serviços, proprietários do solo, agentes imobiliários e empresas construtoras e a ação do Estado através da análise do processo de desenvolvimento urbano recente na Espanha.

- CLICHEVSKY (1975) destaca como agentes principais, em seus estudos sobre o mercado de terras na área metropolitana de Buenos Aires os proprietários rurais, os investidores independentes e as empresas urbanizadoras e/ou comercializadoras. Traça o perfil histórico dos estudos tradicionais de solo urbano e critica os modelos tradicionais, pois estudam o comportamento dos agentes de forma individual sem vinculá-los à estrutura social.

- HARVEY (1973), em seu estudo sobre o valor de uso, de troca e teoria de uso do solo urbano, critica as formulações micro-econômicas de uso do solo e sugere o estudo dos padrões e mudanças de uso, considerando os atores que operam no mercado, e a maneira como estes determinam o valor de uso e de troca do

solo urbano e seus equipamentos. Classifica os agentes em proprietários individuais da residência ou inquilinos, agentes imobiliários, proprietários da terra e de imóveis e a indústria de construção civil além das instituições financeiras e governamentais. Segundo BAHIANA (1978), HARVEY se pauta na questão do valor de uso e do valor de troca, vinda de Adam Smith. Essa noção, associada à de agentes modeladores, constitui em Harvey a crítica às teorias tradicionais de uso do solo urbano.

- BORJA (1975), em seus estudos, aborda três grandes tipos de conflitos sociais urbanos respectivamente com seus agentes: o primeiro é o conflito entre o agente dominante (em especial o Estado) e a população; o segundo é o conflito entre agentes capitalistas privados e o Estado; o terceiro é o conflito que se dá entre os agentes capitalistas que competem entre si no mesmo espaço, com a intenção de maximizar os lucros.

Em síntese, BAHIANA (1978 ) faz uma tipologia desses autores considerando como ponto em comum entre eles a noção de agentes modeladores do solo urbano. Fazem parte desta tipologia:

1) o Morador , que tem pouca influência nas decisões sobre a alocação do solo urbano;

2) os Proprietários de Solos Rurais ou Urbanos, que barganham o solo, na expectativa de obter o máximo de lucro, não interessando como esse solo será utilizado, podendo realizar a especulação imobiliária;

3) a Indústria Imobiliária, que faz transações com o solo urbano inserindo-lhes valores de troca;

4) a Indústria de Construção Civil, um grupo que está envolvido no processo de criação de novos valores de uso para outros, com a finalidade de criar valores de troca para si mesmo;

5) os Proprietários, que têm como básica a localização de seus empreendimentos, a qual desejam otimizar para com isto maximizar

os lucros; surge nesse processo conflitos com outros grupos, envolvendo deseconomias que vão ao encontro destes; problemas de poluição atmosférica ou sonora colocam os grupos industriais em conflito direto com os que desejam preservar seu valor de uso (moradores) e com os que desejam ter assegurados seu valor de troca (empresas imobiliárias);

6) Setor Público (o Estado), exercendo um papel duplo e contraditório de agente mediador nas questões que se referem ao processo de gestão do solo urbano;

Para CORRÊA (1989) a ação dos agentes sociais, que ele classifica em proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, Estado e grupos excluídos se faz dentro de um marco jurídico que regula a atuação deles. Não existe apenas conflito entre os agentes, mas também pontos em comum que os unem, como a apropriação de uma renda da terra.

Segundo CORRÊA (1989), o espaço urbano capitalista é um produto social, onde a ação dos agentes sociais deriva da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção e do conflito de classe que dela emergem como o existente entre o capitalista e o proprietário fundiário que tem particular interesse na conversão da terra rural e urbana.

Os donos de capital, as grandes empresas comerciais e industriais são os grandes consumidores de espaço.

*"Necessitam de terrenos amplos e baratos que satisfaçam requisitos locacionais pertinentes às atividades de suas empresas-junto ao porto, às vias férreas ou em locais de ampla acessibilidade à população etc".*

(CORREA,1989:13)

Nessa busca de terrenos amplos e baratos o capital entra em conflito com os proprietários fundiários, que retêm a terra provocando a escassez de oferta e o aumento de seu preço.

Segundo CORRÊA (1989), os conflitos que emergem tendem a ser, em princípio, resolvidos em favor dos proprietários dos meios de produção

que, no capitalismo, comandam a vida econômica e política.

A produção do espaço realizada pelos promotores imobiliários é feita através de operações como: incorporação, financiamento, estudo técnico, construção e comercialização, operações estas que originam agentes concretos de diferentes tipos, onde um deles é o proprietário-construtor do terreno.

Os promotores imobiliários, aproveitando-se de algumas características como amenidades naturais, preço elevado da terra e acessibilidade, entre outras, criam e recriam segundo seus interesses áreas nobres que valorizam o espaço urbano.

Para CORRÊA (1989), a atuação dos promotores imobiliários se faz de um modo desigual, criando e reforçando a segregação residencial que caracteriza a cidade capitalista. O Estado atua na organização da cidade e modela o espaço de diferentes modos, tais como na implantação de serviços públicos (sistema viário, calçamento, água, esgoto, iluminação, coleta de lixo etc.) e na elaboração de leis e normas vinculadas ao uso do solo.

Segundo CORRÊA (1989), o Estado atua diretamente como grande industrial, consumidor de espaço e de localizações específicas, proprietário fundiário e promotor imobiliário, sem deixar de ser também um agente de regulação do uso do solo e alvo dos chamados movimentos sociais urbanos.

*"A atuação do Estado se faz, fundamentalmente e em última análise, visando criar condições de realização e reprodução da sociedade capitalista, isto é, condições que viabilizem o processo de acumulação e a reprodução das classes sociais e suas frações".*

(CORREA,1989:26)

Outro agente social atuando no espaço urbano são os grupos sociais excluídos, compostos por parte da camada social que não tem acesso à moradia e produzem favelas e cortiços geralmente localizados próximos ao centro da cidade.

Segundo CORRÊA (1989), é na produção de favelas em terrenos públicos ou privados invadidos que os grupos sociais excluídos tornam-se efetivamente agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentemente e a despeito dos outros agentes.

## **A ESTRUTURAÇÃO DO DISTRITO INDUSTRIAL DE UBERLÂNDIA.**

Em 1909 surgiram as primeiras possibilidades de industrialização em Uberlândia, quando foi inaugurada a primeira usina de eletricidade. Conforme tabela 1, o parque industrial de Uberlândia, em 1940, contava com um total de 163 fábricas, ocupando 1.443 operários, registrando portanto uma atividade industrial significativa para aquele momento histórico.

Em 1959, com a realização do I Congresso de Desenvolvimento do Vale do Paranaíba e a criação da Comissão Permanente de Defesa dos Interesses de Uberlândia, que era formada por delegados, imprensa escrita e falada, sociedades desportivas, culturais, Prefeito Municipal e vereadores, entre outros, tem início o projeto para se criar um Distrito Industrial em Uberlândia.

Em dezembro de 1959 é oficialmente criado o Conselho de Administração da Cidade Industrial de Uberlândia, regulamentado pela Lei nº 837, onde no artigo terceiro são colocadas as tarefas a serem cumpridas pelo referido Conselho:

“1 - Realizar estudos e planos para a localização da Cidade, submetendo à aprovação da Prefeitura;

2 - Obter por compra, desapropriação ou doação, a área de terreno que for escolhida;

3 - Promover os estudos, planos e plantas do loteamento e urbanização das obras e melhoramentos indispensáveis à do terreno;

4 - Submeter à aprovação do Município os estudos, plantas realizadas, bem como os planos de venda dos terrenos localizados e das indústrias de acordo com a sua importância e categoria;

5 - Promover a venda dos terrenos de

conformidade com os planos aprovados;

6 - Orientar, fiscalizar e tomar as medidas administrativas, que forem rendadas na construção e desenvolvimento da Cidade Industrial”. (Prefeitura Municipal de Uberlândia, 1959,:01).

Surge no mesmo ano a possibilidade da implantação de um distrito industrial, que foi concretizado após negociações com o então assessor do Governo D. Ferraz, e em 1960 é aprovada a implantação do primeiro Distrito Industrial do Triângulo Mineiro, em Uberlândia. A meta principal era a de buscar o desenvolvimento industrial da cidade, para que ela saísse na frente das demais cidades do Triângulo Mineiro. Foram oferecidas pela administração municipal facilidades como: infra-estrutura de transporte e comunicações, isenções de impostos, doações de parte dos terrenos, entre outras. Em 1960 chega o primeiro vagão de trigo para o Moinho Sete Irmãos S/A e em 1961 a Cidade Industrial recebe sua primeira candidata a uma área, a IMABRA, de Canápolis/MG. Em 1963 é dada nova redação à Lei nº 837, onde, de acordo com o artigo segundo, da Lei nº 1063 de 3 de Setembro, o antigo Conselho de administração da Cidade Industrial foi transformado em Conselho de Implantação, Administração e Planejamento Industrial, estabelecendo assim novos contornos às atividades do Conselho:

“Art. 3º - O Conselho é pessoa jurídica, subordinada ao Governo Municipal, com autonomia administrativa financeira e tem por objetivo dinamizar a implantação da cidade industrial de Uberlândia, de acordo com as resoluções do II Congresso Industrial do Estado de Minas Gerais realizado nesta cidade, as quais ficam fazendo parte integrante desta lei, podendo:

a) - realizar estudos econômico - financeiros relativos à implantação da Cidade Industrial de Uberlândia;

b) - efetuar pesquisas de mercado;

c) - planejar e promover lançamentos industriais ;

d) - escolher, adquirir, racionalizar, coordenar e administrar as áreas de terrenos onde se localizar o referido núcleo industrial;

e) - vender os terrenos àqueles cujos propósitos coincidam com os objetivos do Conselho;

TABELA 1

PARQUE INDUSTRIAL DE UBERLÂNDIA - 1940

ESPÉCIE	Número de Fábricas	Número de Operários
CURTUMES	03	93
MARCENARIAS	08	2.10
SERRARIAS	03	44
FÁBRICAS CARROÇAS	02	14
METALÚRGICAS	04	75
ART. FLANDRES	06	15
OFICINAS MECÂNICAS	10	55
OLARIAS	09	44
FÁBRICAS DE SABÃO	01	03
PANIFICAÇÕES	05	28
PASTIFÍCIOS	04	24
FÁBRICAS DE DOCES	02	62
MÁQ. BENEF. ARROZ	08	32
FÁB. FARINHA E FÚBA	03	22
DESTILARIAS	04	25
FÁBRICA DE BANHA	11	27
CHARQUEADAS	03	137
SAPATARIAS	18	140
TORREFAÇÃO DE CAFÉ	08	13
FÁB. MANTEIGA E QUEIJO	04	18
ALFAIATARIAS	12	130
COLCHOARIAS	02	05
MARMORARIAS	03	15
FÁBRICAS LADRILHOS	02	18
TIPOGRAFIAS	09	46
FÁBRICA DE FÓSFORO	01	36
MOAGEM DE SAL	02	15
EN. DE ALGODÃO	04	49
FUMO EM PÓ	01	01
BIJOUTERIAS	02	04
LAB. PROD. FARMAC.	01	02
FAB.SORV. E GELO	01	15
TAMANCARIA	05	05
TANOARIA	01	02
IND. CARNES E CONSERVAS	01	19
<b>TOTAL</b>	<b>163</b>	<b>1.443</b>

Fonte: Parque Industrial de Uberlândia - 1940      Álbum do Triângulo Mineiro 1940 / 42 - org. por Orlando Barbosa Dados oficiais extraídos da "Sinopse Preliminar dos resultados demográficos" - Recenseamento de 1940 - End. Ind. Bibliográfico/pg.03

f) - importar maquinaria estrangeira, usando de todos os poderes necessários a tal fim, inclusive buscando avais onde julgar necessário (Prefeitura Municipal de Uberlândia, 1963,p.03-04)".

A concentração espacial das empresas assume assim papel de destaque na economia da cidade e do Estado, realizando o aproveitamento da mão-de-obra local, evitando assim o fluxo de trabalhadores em busca de oportunidades nos grandes Centros como Belo Horizonte e São Paulo. Apesar desse esforço de criação da Cidade Industrial, esse espaço abrigou durante certo tempo um número muito reduzido de indústrias, já que a atividade industrial encontrava-se concentrada em alguns bairros da cidade. A posição geograficamente estratégica de Uberlândia no contexto regional e nacional também é um fator que estimula a localização/concentração de indústrias no Distrito Industrial. Funcionando como corredor de ligação entre o Norte e o Sul do País essa localização favorecerá tanto a produção como a comercialização de produtos industriais e alimentares e dos serviços.

Em 1970 , conforme Tabela 2 , Uberlândia contava com o total de 324 estabelecimentos industriais , destacando-se a indústrias de produtos alimentares , com um total de 98 estabelecimentos e 1.271 pessoas empregadas . Esse período de forte crescimento industrial está em sintonia com a política nacional de desenvolvimento, que dava uma ênfase muito grande no processo de industrialização.

No início da década de 70 foi criada pelo governo do Estado a Companhia de Distritos Industriais, que tinha como objetivo dar apoio às indústrias, oferecendo áreas aos empresários com as condições necessárias à implantação de seus projetos .

Através do quadro 1 podemos verificar que os primeiros estudos sobre a criação de distritos industriais no Estado de Minas Gerais iniciam-se na década de 40, mas a maioria se desenvolve no final da década de 60 e início da década de 70, fase em que se privilegiou o processo de industrialização. O distrito industrial era peça fundamental da estratégia desenvolvimentista vigente no País principalmente a partir dos anos 50.

## QUADRO 1

### DISTRITOS INDUSTRIAIS NO ESTADO DE MINAS GERAIS - 1974.

Distritos Industriais	Primeiros Relacionados à Criação	Estudos à sua	Fase em que se encontra
Juventino Dias	1940		Funcionamento total
Santa Luzia	1948		Funcionamento Parcial
Montes Claros	1968		Funcionamento Parcial
Pirapora	1969		Funcionamento Parcial
Uberaba	1969		Funcionamento Parcial
Juiz de Fora	1970		Funcionamento Parcial
Sete Lagoas	1970		Funcionamento Parcial
Uberlândia	1970		Funcionamento Parcial
CINCO *	1970		Funcionamento Parcial
Três Corações	1972		Em Planejamento
Governador Valadares	1972		Em estudos de viabilidade
Emburiçu	1973		Funcionamento Parcial

\* CINCO- Centro Industrial de Contagem

Fonte: OLIVEIRA, 1976, p.50

**TABELA 2**

**ATIVIDADES INDUSTRIAIS EM UBERLÂNDIA SEGUNDO OS GÊNEROS DE INDÚSTRIA - 1970.**

GÊNEROS DE INDÚSTRIA	Estabelecimentos Ano De 1970	Pessoal Ocupado Em 31-XII-1970		Ano de 1970	
		TOTAL	LIGADO A PRO - DUÇÃO	VALOR DA PRO - DUÇÃO	VL.DA TRANS. INDUS - TRIAL
TOTAL	324	2889	2152	310373	93699
Extração de Minerais	9	34	19	209	182
Prod. de Minerais não Metálicos	24	220	170	2779	1308
Metalurgia	22	275	214	7263	3074
Mecânica	49	210	141	118144	37004
Mat. Elétrico e de construções	12	32	15	632	361
Mat. de transporte	12	99	72	1659	579
Madeira	11	44	24	393	174
Mobiliário	21	109	81	1073	521
Papel e Papelão	2	(x)	(x)	(x)	(x)
Borracha	3	31	29	568	259
Couros e Peles e Prod. Similares	1	(x)	(x)	(x)	(x)
Química	3	18	11	644	85
Prod. Farmacêuticos e veterinário	2	(x)	(x)	(x)	(x)
Perfumaria, sabão e velas	1	(x)	(x)	(x)	(x)
Prod. de mat. plásticas	4	23	17	435	182
Textil	1	-	-	(x)	(x)
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	18	146	118	2601	962
Prod. Alimentares	98	1271	994	162798	44285
Bebidas	6	69	43	1815	910
Editorial e gráfica	16	130	95	1749	1046
Diversas	9	50	28	1043	503

Fonte: IBGE - Censo Industrial - Minas Gerais .1970

## ATIVIDADES INDUSTRIAIS EM UBERLÂNDIA SEGUNDO OS GÊNEROS DE INDÚSTRIA - 1970.

Segundo OLIVEIRA (1976), o Estado de Minas Gerais foi o pioneiro no Brasil na implantação de distritos industriais com a construção do distrito Coronel Juventino Dias na década de 40, no município de Contagem. Entretanto, a política de implantação de distritos nesse Estado só foi dinamizada após essa década, atendendo os objetivos da política de desenvolvimento industrial traçada pelo governo estadual. Na década de 70 os distritos que se encontravam totalmente ocupados eram: Santa Luzia, Montes Claros, Pirapora, Uberaba, Sete Lagoas, Uberlândia, Embiruçu e o Centro Industrial de Contagem (CINCO). Três desses distritos industriais merecem destaque: Santa Luzia, Embiruçu e o CINCO. O primeiro deles teve sua construção iniciada na década de 40, porém já na década de 70 contava com somente 9 (nove) indústrias implantadas, fornecendo empregos a 1.666 pessoas. O segundo, o Embiruçu, localizado no município de Betim, embora sua construção seja de 1973, conta com 11 (onze) indústrias se implantando, entre as quais está a FIAT Automóveis S.A, que foi o maior empreendimento industrial do Estado, na época. Só essa empresa foi responsável pela criação de 10.000 novos empregos diretos e 20.000 empregos indiretos. O terceiro, o Centro Industrial de Contagem, administrado pelo município, é importante por sua localização (pode ser considerado quase como um prolongamento natural

do distrito Industrial Coronel Juventino Dias, também em Contagem) e por sua rápida ocupação. Apesar de sua construção também recente (a partir de 1970), já contava com sete indústrias funcionando e cinco em implantação. Em 1974, verifica-se que a maioria dos Distritos Industriais encontram-se em funcionamento parcial, incluindo-se o caso de Uberlândia. (Quadro 1).

Em 1972, a Companhia de Distritos Industriais encampou a parte ativa da Cidade Industrial através de convênio. O Distrito passou a se dividir praticamente em duas partes: a antiga Cidade Industrial, construída sem observações das exigências técnicas atuais, e o Distrito Industrial, administrado pela Companhia que exerce rígida vigilância sobre vários aspectos da implantação das Cidades Industriais, desde a parte arquitetônica até a ecológica. Através do mapa 1, podemos visualizar essa divisão do espaço interno do Distrito Industrial.

A tabela 3 mostra que, em 1974, o Distrito Industrial de Uberlândia tinha uma área de 5.306.000 m<sup>2</sup> e contava com seis empresas em funcionamento/implantação, com uma previsão de geração de 1.450 empregos. A tabela 3 mostra também como se encontram os outros distritos do Estado de Minas Gerais, naquele mesmo ano. Também se nota a importância do distrito industrial de Uberlândia no contexto de industrialização do Estado de Minas Gerais naquele momento.

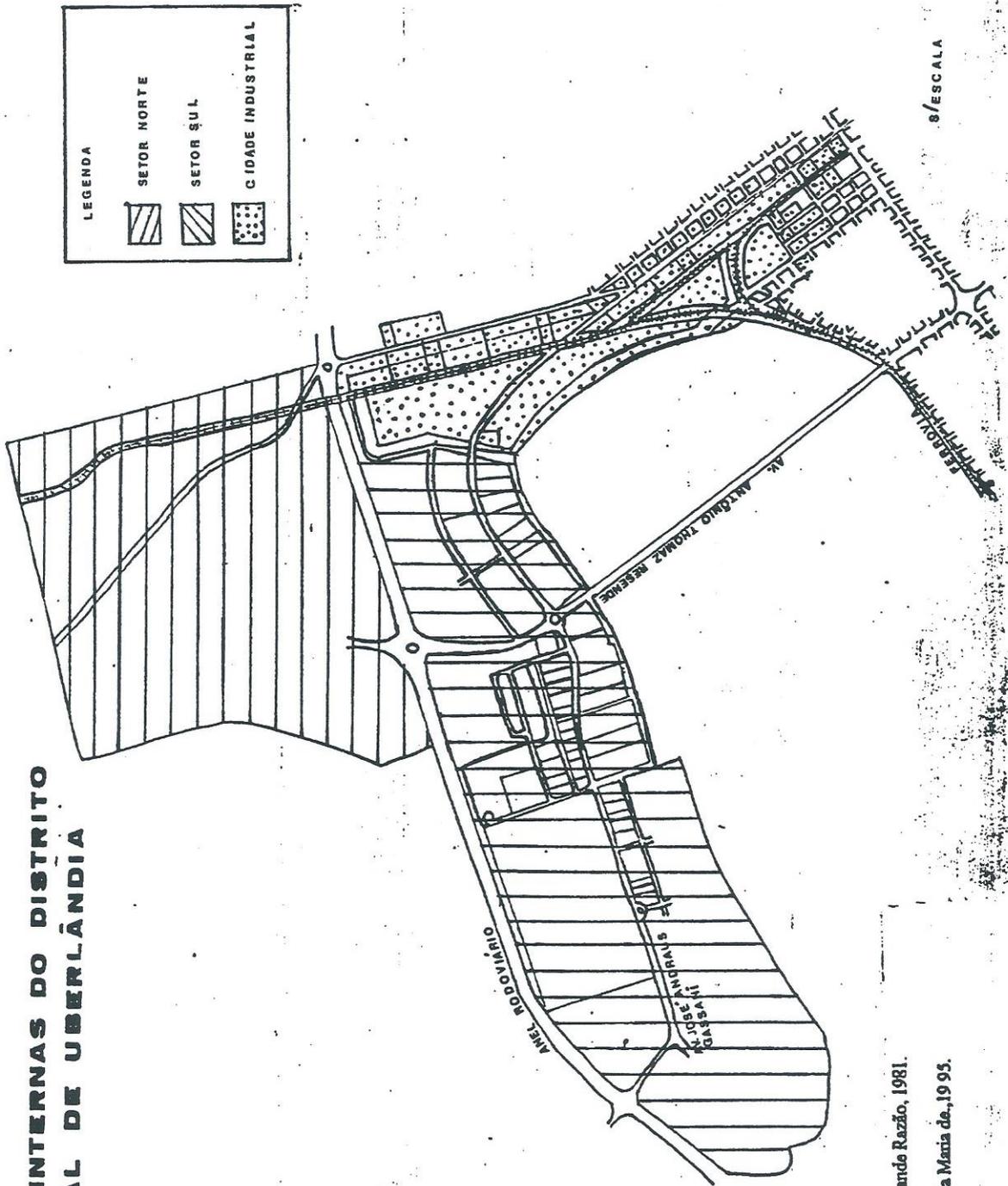
TABELA 3

### ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS DISTRITOS INDUSTRIAIS EM FUNCIONAMENTO NO ESTADO DE MINAS GERAIS - 1974.

Distritos Industriais	Área m <sup>2</sup>	Número de Empresas em funcionamento ou Implantação	Número de Empregos (Previsão)
Santa Luzia	5.500.000	29	6.850
Montes Claros	2.200.000	16	3.800
Pirapora	2.200.000	11	1.857
Uberaba	2.000.000	6	1.800
Juiz de Fora	4.500.000	15	3.200
Sete Lagoas	2.400.000	3	1.400
Uberlândia	5.306.000	6	1.450
Contagem	2.761.200	22	7.771
Embiruçu	40.000.000	11	15.800
Total	-	119	43.928

Fonte : OLIVEIRA, 1976, p.57.

# MAPA / DIVISÕES INTERNAS DO DISTRITO INDUSTRIAL DE UBERLÂNDIA



Fonte: Revista Uberlândia: A Grande Razão, 1981.

Organizadora: FREITAS, Cláudia Maria de., 1995.

Através das tabelas 4 e 5 pode-se constatar a evolução da ocupação do Distrito Industrial de 1974 a 1986, onde o aumento do número de empresas comprometidas e o número de empregos diretos apontam o crescimento pelo qual passou Uberlândia, com a fixação das empresas no Distrito Industrial, gerando profundas mudanças no espaço urbano do Município, acelerando seu desenvolvimento.

O desenvolvimento industrial do município é significativo, já que cerca de 50% do ICMS arrecadado na cidade provém desse setor. Deve-se ressaltar que o município de Uberlândia, segundo dados de 1990, é o 3º em arrecadação de ICMS

no Estado de Minas Gerais, superado apenas por Belo Horizonte e Contagem. (Vide Tabela 6).

O Distrito de Uberlândia, em 1990, abrigava quase 200 empresas implantadas ou em fase de implantação. São empresas de grande, médio e pequeno porte, com ramos de atividades diversas, mostrando que Uberlândia apresenta hoje um parque industrial bastante expressivo, aumentando a arrecadação municipal e provocando mudanças significativas na cidade.

Uberlândia abriga hoje algumas empresas nacionais e transnacionais importantes, estando a sua grande maioria instalada no Distrito Industrial.

**TABELA 4**  
**OCUPAÇÃO DO DISTRITO INDUSTRIAL - 1974 / 1980**

ESPECÍFICAS	1974	1977	1978	1979	1980	TOTAL
Nº de Empresas comprometidas	2	7	1	7	7	24
Área vendida p/ CDL/MG ( m <sup>2</sup> )	859.495	244.002	20.680	133.823	196.015	1.454.015
Área doada pela PMU ( m <sup>2</sup> )	18.300	45.464	10.464	42.169	41.413	157.81
Comodata	-	-	-	-	-	-
Área total comprometida ( m <sup>2</sup> )	877.795	289.466	20.680	133.823	196.015	1517.799
Área total construída ( m <sup>2</sup> )	294	20.560	5.088	16.717	27.479	363.844
Nº de empregos diretos	1.544	1.685	220			

Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia - Secret. Munic. de Agricultura, Indústria e Comércio.

**TABELA 5**

**OCUPAÇÃO DO DISTRITO INDUSTRIAL - 1981 / 86**

<b>Especificações</b>	<b>Nº de Empresas comprometidas</b>	<b>Área vendida p/ CDL/ MG(m<sup>2</sup>)</b>	<b>Área doada pela PMU ( m<sup>2</sup> )</b>	<b>Como-data</b>	<b>Área total comprometida ( m<sup>2</sup> )</b>	<b>Área total construída (m<sup>2</sup>)</b>	<b>Nº de Empregos diretos</b>
1981	6	175.495	60.418	-	175.495	16.508	148
1982	6	716.661	336.039	-	716.661	20.841	333
1983	9	109.899	66.177	-	109.899	10.080	123
1984	10	380.876	100.759	2.000	492.595	41.338	578
1985	37	835.290	157.238	7.000	832.290	184.738	3.208
1986	54	752.333	150.467	-	719.245	116.394	1.308
<b>Total</b>	<b>122</b>	<b>2.970.574</b>	<b>871.048</b>	<b>9.000</b>	<b>3.046.185</b>	<b>389.899</b>	<b>5.698</b>

Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia - Secret. Munic. de Agricultura, Indústria e Comércio

**TABELA 6**

**PRINCIPAIS MUNICÍPIOS MINEIROS SEGUNDO A PARTICIPAÇÃO NA QUOTA DE ICMS - 1990.**

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>ÍNDICE</b>
BELO HORIZONTE	12.720024
CONTAGEM	7.993008
UBERLÂNDIA	6.877698
IPATINGA	6.095085
BETIM	5.932942
JUIZ DE FORA	3.013800
TIMÓTIO	2.699240
UBERABA	2.504454
MONTES CLARO	1.556819

Fonte: Seção de apuração do V.A.F. (Valor Adicionado Fiscal) P.M.U. -1990

Dentre as empresas multinacionais e nacionais (quadro 2) destaca-se a Daiwa, instalada no Distrito de Uberlândia desde 1975. Tem área de 233.415,50 m, com 31.500 m<sup>2</sup> de construção, gerando 370 empregos diretos. A Daiwa tem como produto final o fio de algodão e atende o mercado consumidor externo e interno. Seu faturamento em 1992 foi de US\$ 2.500.000. A empresa também exporta seus produtos para quase todo o planeta, atendendo as três Américas, a Ásia e a Oceania. A Cia. de Cigarros Souza Cruz S/A, uma das primeiras a se instalar no Distrito Industrial, é a maior em área e geração de empregos diretos. Conta com um número de 1.700 funcionários e um investimento de cerca de US\$ 63 milhões.

A nova unidade da Cia de Cigarros Souza Cruz S/A gerará cerca de oitenta empregos diretos.

Em 1992, teve uma ampliação de 40% na produção, devido a mudanças no sistema operacional de trabalho e de máquinas com maior produtividade. Trabalha-se seis dias por semana (neste novo sistema adotado pela empresa), com apenas um dia de descanso (segundo acordo com o sindicato), o que propiciará a criação de 400 novas vagas e uma melhor remuneração, mas a área física não foi ampliada.

A Cargill Agrícola, que tinha unidades instaladas apenas nos Estados Unidos e Europa, instala também no Brasil algumas unidades. A primeira unidade foi inaugurada em 1986, no Distrito Industrial de Uberlândia (vide foto 1), produzindo

farelo de soja - ingrediente fundamental na ração animal, e o óleo de soja refinado das marcas Lisa e Veleiro. A segunda unidade foi inaugurada em 1990 e produz xarope de glicose, germe de milho, amido de milho e uma variedade de ingredientes destinados à formulação de ração para animais.

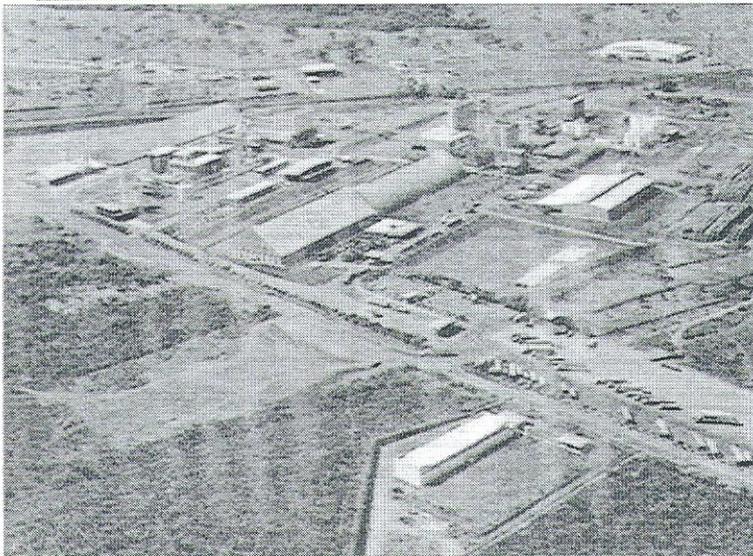
A Cargill gera 300 empregos diretos e 1.500 indiretos, e está entre as maiores em arrecadação de impostos municipais. Também compra, processa, armazena, transporta e comercializa inúmeros "commodities" agrícolas e não agrícolas. Suas atividades abrangem mais de 50 países, gerando assim, 55.000 empregos.

### **AS CONTRADIÇÕES E OS INTERESSES NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO**

A partir do mapa 2, que apresenta o uso do solo urbano de Uberlândia em 1991, podemos verificar que a localização da área industrial na parte noroeste da cidade se fez contígua a um espaço no qual já se definia o uso residencial para uma população de classe baixa. Além disto, uma área significativa de novos loteamentos já estava prevista para este local.

Com o processo de expansão da cidade esse espaço, que durante grande parte da década de 70 ficou segmentado no espaço urbano, com a intensificação da produção do espaço residencial nas periferias inseriu-se na malha urbana.

**FOTO 1 - VISTA GERAL DA ÁREA DA CARGILL - 1993**



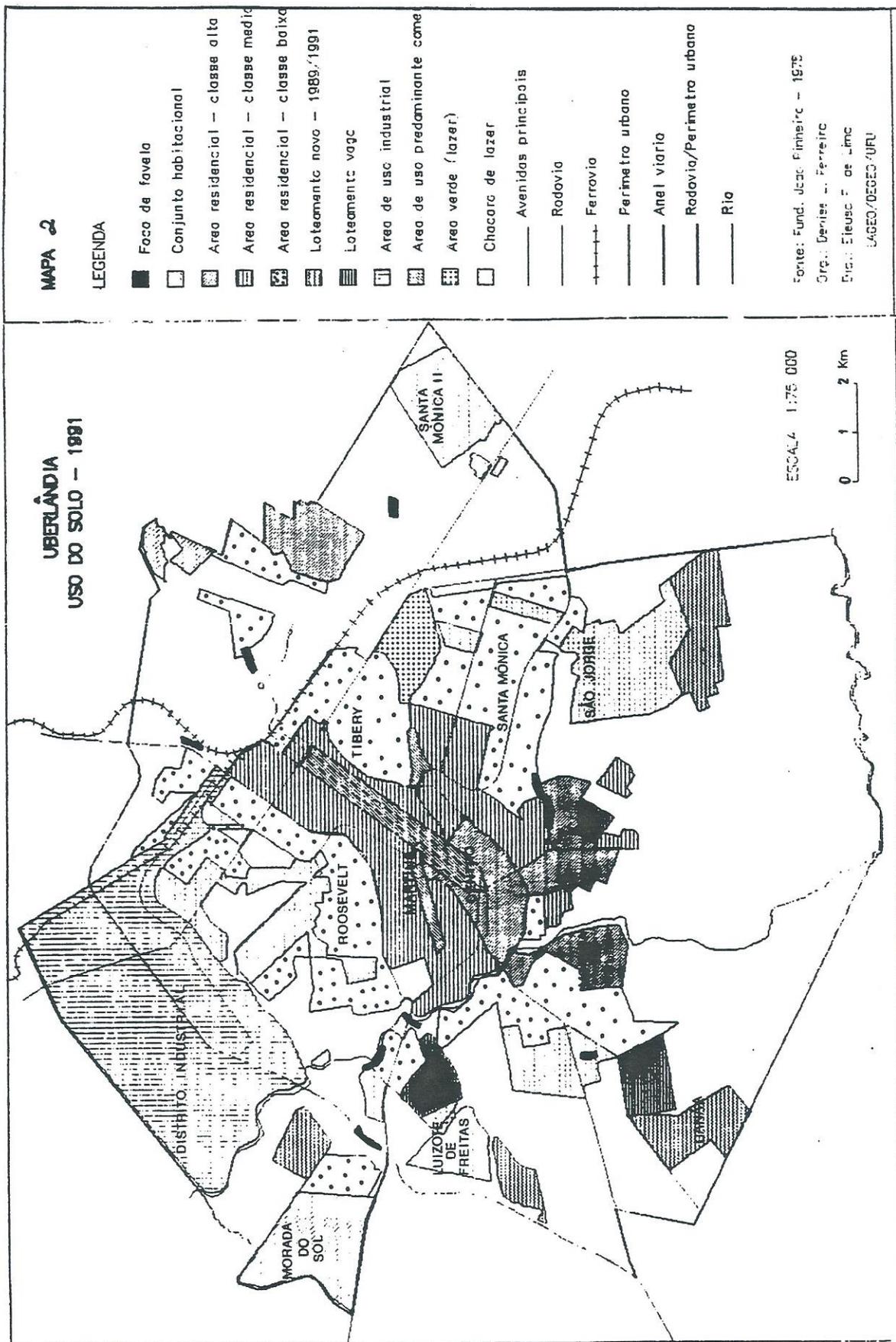
Fonte: Revista, Um compromisso com a economia e com o futuro, 1993, p.25.

## QUADRO 2

### GRANDES ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS EM UBERLÂNDIA

ATIVIDADE INDUSTRIAL	NOME	ORIGEM
ALIMENTÍCIA	ABC Inco	Uberlândia
	Brasfrigo	Nacional
	Calu	Uberlândia
	Cargill	Americana
	Chocolates Imperial	Uberlândia
	Coca -Cola	Americana
	Cocal Cereais	Uberlândia
	Granja Planalto	Uberlândia
	Granja Rezende	Uberlândia
	Nestlé	Suíça
	Pepsi - Cola	Americana
	Produtos Erlan	Uberlândia
	Produtos Vigor	Nacional
Swift - Amour	Nacional	
Tarumã	Uberlândia	
TRANSFORMAÇÃO	Aspasa	Nacional
	Braspelco	Nacional
	Confecções Rubi	Uberlândia
	Daiwa do Brasil	Japonesa
	Johson & Johson	Americana
	Oficina de modas	Uberlândia
	Paralbuna Papéis	Nacional
	Souza Cruz - (British Tabacco)	Inglesa
	Tintas Coral	Argentina
CONSTRUÇÃO CIVIL	Brasmix	Uberlândia
	CCO -Contrutora Centro Oeste	Uberlândia
	CCO-Empreend. Imobiliarios	Uberlândia
	Ciminas	Francesa
	Concretex	Nacional
	Construtora Araguaia Minas	Uberlândia
	Construtora Caiapó	Uberlândia
	Eldorado Minas Construtora	Uberlândia
	Encop	Nacional
	Engenharia Simão	Uberlândia

Fonte: Revista Uberlândia Documento. 1992. p.32



Conforme vimos anteriormente, grupos locais empenharam-se em criar um espaço da produção industrial em Uberlândia. A Associação Comercial, uma entidade com forte poder político ainda hoje, teve um papel de destaque neste processo.

*“A Associação Comercial convida a Nestlé, a White Martins, a Brahma. Entra em contato com as Federações de Indústrias de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Minas. Oficia à Embaixada Japonesa comunicando as possibilidades de aplicação do capital nipônico na indústria de abacaxi. Tudo acompanhado de dossiês que demonstram as potencialidades de Uberlândia. Isso, nos fins de 1958 e principalmente 1959”.*

(SILVA, 1983:56)

O projeto de implantação de cidades industriais no Estado de Minas Gerais, apresentado por um deputado estadual de Governador Valadares na década de 50, acendeu o espírito industrializante dos uberlandenses. No entanto, os grupos locais ficaram profundamente indignados ao saber que o Governador do Estado, Bias Fortes, daria preferência a cidade de Uberaba para a implantação de uma cidade Industrial .

Esse fato levou elites a criarem a cidade Industrial de Uberlândia com um âmbito municipal. Uma das estratégias utilizadas foi a realização do I Congresso de Desenvolvimento do Vale do Paranaíba.

*“Esse Congresso foi um divisor de águas. O marco inicial da industrialização uberlandense. O estabelecimento das bases que permitiram a nova evolução industrial. Pode-se incluir em suas consequências até mesmo o estímulo popular que permitiu a eleição de nossos vereadores Homero Santos e Waldir Melgaço Barbosa para a Assembléia Legislativa”.*

(SILVA, 1983:57)

O relato do político Virgílio Galassi é extremamente ilustrativo do movimento levado a cabo pelos grupos locais no sentido de lançar Uberlândia no projeto de modernidade, via industrialização, que permeava toda a sociedade brasileira dos anos 50 e 60:

*“Nós buscavamos as indústrias. Pegávamos a laço. Nós tínhamos um grupo viajando constantemente. Levávamos filmes sobre Uberlândia. Chegamos a fazer reuniões de grande expressão, inclusive uma vez em Porto Alegre. Estivemos com mais ou menos cinquenta indústrias na Federação das indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, com filmes, projetores, slides. Isso feito no Brasil inteiro. Viajamos milhares e milhares de quilômetros. Foi um esforço extraordinário. E isso continua. É uma bola de neve. Vai rolar até o fim”...*

(SILVA, 1983: 58)

Os jornais da época estão repletos de notícias sobre a Cidade Industrial. Numa pesquisa realizada no Arquivo Público Municipal teve-se acesso a mais de 50 reportagens, sendo que a maioria estão no ano de 1965.

A ideologia desenvolvimentista é a marca registrada dessas notícias e nos faz pensar na importância dos meios de comunicação na construção de uma imagem de progresso junto à população.

*“O ano de 1965 que hoje se inicia será para Uberlândia, o ano vitorioso, pois a Cidade Industrial terá dado seu maior passo. De fato, à Cidade Industrial será a consumação do progresso uberlandense, conforme disse ontem seus entusiastas. No entanto, para que tal aconteça, faz-se necessário o apoio de todas as forças da cidade. A Cidade Industrial atrairá as atenções de todo o Brasil para Uberlândia que será a Metrópole Industrial do interior...”*

(Correio de Uberlândia, 1965: 1)

O esforço dos grupos locais também podem ser exemplificados com as ações de Cícero Diniz e Luiz Santos, que doavam a quase totalidade da área na qual se implantou a Cidade Industrial, ficando apenas uma pequena área incorporada através de desapropriações.

Em 1970 o Governo do Estado cria o Distrito Industrial de Uberlândia e, com isto, duas áreas industriais passam a coexistir na cidade. Apesar de ter sido encampada pela CDI, a Cidade Industrial reflete um processo diferente do Distrito Industrial e, apesar de se veicular uma imagem de um espaço único, na realidade o que se tem são espaços relativamente distintos.

Tabela 7

**ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA CIDADE INDUSTRIAL E DO DISTRITO INDUSTRIAL DE UBERLÂNDIA - 1991**

Especificação	Cidade Industrial	Distrito Industrial
nº de empresas	135	168
Área m <sup>2</sup>	1733.639,	4.757.408
no de empregos diretos	(1) 5.016	11.809
Valor investimos (US\$)	(2) 134,686,343.	276,462,730

(1) Exceto - B. Brasil

(2) Exceto - B. Brasil, Caseing, Mel. Prada, Gontijo, IPEM.

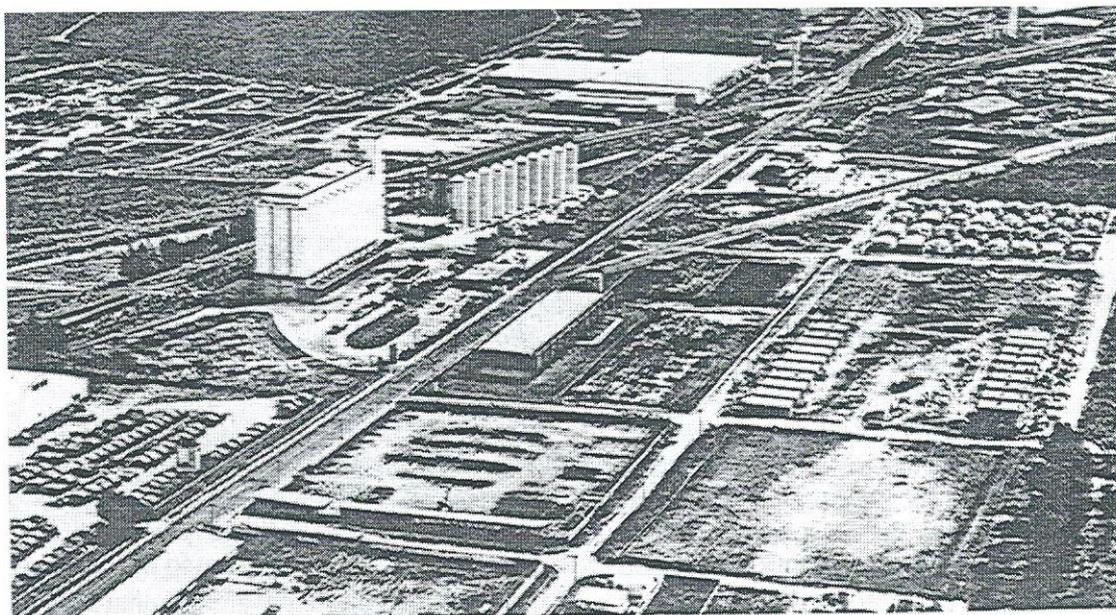
Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia, Secretaria Municipal de Indústria Comércio e Turismo, 1991

A CDI-MG, por exemplo, só possui informações sobre as empresas localizadas no Distrito Industrial, enquanto que a Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo da PMU é que se encarrega da Cidade Industrial. Fica portanto, evidente, a separação dos dois espaços, apesar de se ter uma fisionomia marcada pela presença das empresas industriais, comerciais e de serviços na paisagem, formando um espaço

único. Através da Tabela 7 pode-se verificar a maior importância do Distrito Industrial em termos de área, número de empregos diretos e valor dos investimentos, comparados aos da Cidade Industrial. Isto porque o Distrito Industrial passou a abrigar, principalmente na década de 80, grandes empresas que foram capazes de produzir impactos significativos na estrutura econômica da cidade.

FOTO 2

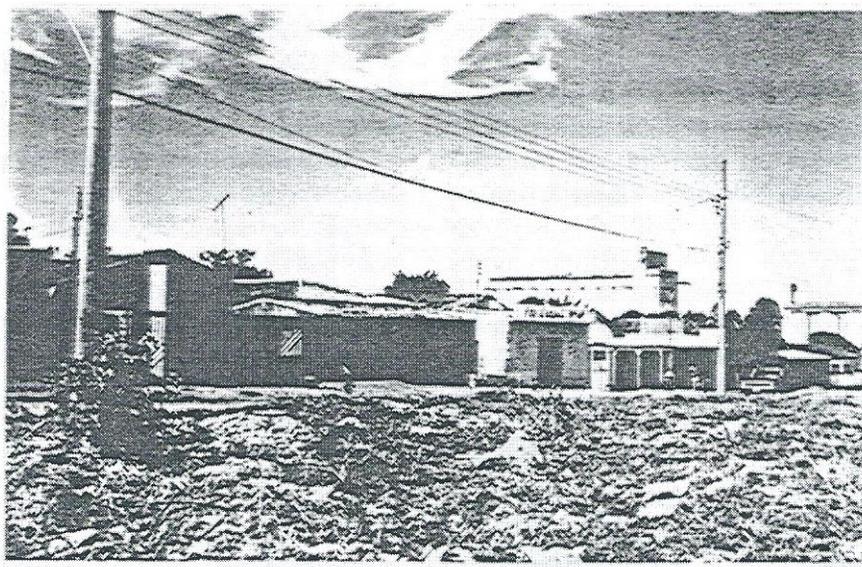
**USO RESIDENCIAL CONSOLIDADO NA ÁREA INDUSTRIAL DÉCADA DE 60**



D.I. - Uberlândia

Fonte: Revista CDI, s/d.

FOTO 3  
USO RESIDENCIAL CONSOLIDADO NA ÁREA INDUSTRIAL - 1994



Fonte:RAMIRES,Julio César de Lima, 1994

FOTO 4  
OCUPAÇÃO AO LONGO DA FAIXA RODOVIÁRIA - 1994



Fonte:RAMIRES, Julio César de Lima ,1994

Uma das contradições que podem ser destacadas na produção, destinada ao uso industrial, é a criação e expansão do uso residencial na Cidade Industrial e algumas ocupações mais recentes de trechos da rodovia 452 por favelas.

Conforme nos lembra SOARES (1987), em 1968 foi concluído um núcleo habitacional de 300 casas em área doada à COHAB pela Comissão de Implantação da Cidade Industrial. Desta forma o

uso residencial se consolida na área e se expande em alguns trechos tornando as habitações um elemento cristalizado num espaço destinado às indústrias. As fotos 2 e 3 ilustram essas afirmativas.

Os problemas de poluição do ar e o surgimento de doenças da população local, especialmente de crianças, já foi objeto de movimentos reivindicatórios da população local junto ao poder público.

TABELA 8

**TOTAL DE EMPRESAS, ÁREAS VENDIDAS E DISPONÍVEL NOS SETORES NORTE E SUL DO DISTRITO INDUSTRIAL 1991.**

Características	Setor Norte	Setor Sul	Total
Área Disponível	1.401.616 m <sup>2</sup>	638.644, m <sup>2</sup>	2.040.260 m <sup>2</sup>
Área vendida	1.491.483 m <sup>2</sup>	3.384.466, m <sup>2</sup>	4.875.949, m <sup>2</sup>
Número de empresas	31	152	183 empresas

Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia - Secretaria Municipal de Indústria Comércio e Turismo. 1991.

Essa ocupação ao longo da rodovia que coloca a questão fora dos limites de intervenção do governo local e estadual (através da CDI) e nos chama atenção para o fato da existência de áreas vazias tanto dentro como no entorno do Distrito Industrial, poderia ser um fato oportuno para os grupos sociais excluídos (Vide foto 4).

A ocupação de trechos da rodovia que corta o Distrito Industrial evidencia o quanto o crescimento econômico registrado nas últimas décadas em Uberlândia se processou de forma concentrada e excludente. Conforme nos lembra CORRÊA (1989: 30)

*“ É na produção de favelas, em terrenos públicos ou privados invadidos, que os grupos sociais excluídos tornam-se efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentemente e a despeito dos outros agentes”.*

Outro aspecto que merece destaque é o fato que ainda existe uma área significativa de espaços vazios no Distrito Industrial, conforme pode ser visualizado através da Tabela 8.

Verificamos que o Setor Sul é aquele que concentra maior número de empresas, maior quantidade de áreas vendidas e, em função disto, é a que apresenta menor área disponível, contando também com uma melhor infra-estrutura. O Setor Norte tem uma área disponível significativa (1.401.616m<sup>2</sup>) e também uma significativa área vendida, mas até hoje não plenamente ocupada.

Algumas normas foram criadas pela CDI para evitar a mercantilização dos lotes comprados, tais como a obrigação do proprietário apresentar o projeto da obra em seis meses, ter doze meses para iniciar a construção e três anos para concluir a obra. Além disso, não é permitida a venda ou aluguel da área para terceiros e nenhum tipo de corretagem que renda comissão para alguém.

Apesar desses mecanismos para evitar a especulação imobiliária dos terrenos do Distrito Industrial é possível que esse processo tenha algumas brechas para se desenvolver. Este fato merece um estudo mais aprofundado, passível de ser desenvolvido em pesquisas futuras.

Os distritos industriais tornaram-se um instrumento importante da estratégia de acumulação capitalista marcada pela ideologia desenvolvimentista, ficando a mercê das disputas entre órgãos, Estados e o jogo de influências das próprias burocracias. MANNARINO ( 1983:297 ), nos lembra que

*“é justamente a “plasticidade” do DI que permite sua entrada em cena como elemento de barganha, quando da disputa travada entre os diferentes agentes modeladores do espaço urbano. Disputa esta que se dá sob regras capitalistas, tendo como pano de fundo os ditames da divisão internacional do trabalho, intensificando fenômenos de “especializações” regionais - divisas inter-regional, como forma de expansão do sistema capitalista em escala nacional e internacional”*

A implantação do espaço da produção industrial em Uberlândia significou a concretização do projeto político das elites locais e regionais no sentido de inserir-se na dinâmica desenvolvimentista nacional para não perder o “bonde da história”, o que revelou a eficiência desses grupos num contexto acirrado por disputas locais e regionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ter sido um instrumento importante das políticas de modernização do País, baseadas no modelo desenvolvimentista e industrializante, principalmente a partir da década de 50, os Distritos Industriais, enquanto objeto de estudo, tornaram - se um tema fora de moda . São poucas as pesquisas que procuram analisar esses espaços da produção industrial, levando em conta os aspectos ideológicos , impactos sócio - espaciais e avaliação crítica do seu sucesso/ insucesso.

O Estado de Minas Gerais atualmente conta com 54 Distritos Industriais, sendo que 36 encontram-se em operação: 10(dez) na Região Metropolitana de Belo Horizonte), 5(cinco) em fase de implantação, 5(cinco) em fase de estudos e projetos. Desta forma, fica evidenciada a presença ainda marcante dos distritos industriais na paisagem urbana mineira.

Assim sendo, estudos que recolocuem os distritos industriais em discussão são importantes na medida em que essas formas geográficas não desapareceram da paisagem e nem dos planos governamentais, refletindo ainda hoje as contradições e interesses entre as grandes empresas industriais e comerciais, os proprietários de terras, a população e o Estado.

Além disto, vive-se um momento em que a tecnologia ganha destaque tanto no mundo acadêmico, quanto empresarial. LIMA (1991), discutindo essa questão, afirma que tecnopólo “é um locus de mais integração do pensar com o produzir, do aproveitamento imediato da ciência pela técnica e da utilização desta para o desempenho daquela”. Assim sendo , esses novos espaços não são como os distritos industriais uma área delimitada e estruturada para abrigar fábricas; é fundamentalmente um espaço de criação vinculado à modernidade da revolução tecnológica.

O projeto de implantação de um tecnopólo em Uberlândia está sendo gestado pelas elites locais e apresenta algumas semelhanças com o projeto de criação da Cidade Industrial na década de 60. Novamente assiste-se a uma profunda articulação política dos grupos locais e regionais visando tornar o projeto uma realidade, lançando Uberlândia no contexto da modernidade produzida pela revolução tecnológica.

Assim sendo, o resgate mais aprofundado de algumas questões ligadas ao distrito industrial de Uberlândia poderá fornecer elementos importantes para a compreensão do processo mais recente de criação de um novo espaço da produção da produção industrial na cidade, vinculado a um momento histórico bastante distinto ao das décadas de 60 e 70.

## BIBLIOGRAFIA

- 65 anos vitoriosos da Cidade Industrial, Correio de Uberlândia. Uberlândia, 1-2/01/65, p.01.
- BAHIANA, Luiz C. da C. Agentes modeladores e uso do solo urbano. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo. vol. XIX: 53 - 62, 1978.
- CORRÊA, Roberto L. O espaço urbano . São Paulo. Ática. 1989.

LIMA, Ruy Cruz. Tecnopólo: uma forma de produzir na modernidade atual. Terra Livre, São Paulo, 9:19-40, jul./dez. 1991.

MANNARINO, Rosane P. Distritos Industriais: entre o mito e a realidade: o caso do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. IPPUR / UFRJ. Rio de Janeiro, 1983.

OLIVEIRA, Lucia E. G. de. Algumas considerações sobre a implantação de distritos industriais. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 38(4):22-65, out/dez.1976.

PECHMAN, Robert M. (org.) Olhares sobre a cidade. Rio de Janeiro. Editora de UFRJ. 1994.

REVISTA UBERLÂNDIA DOCUMENTO. s/d .

SILVA, Antônio P. ACIUB em Revista: Edição extra em comemoração ao cinquentenário de sua fundação. Uberlândia. Gráfica Sabe, 1983.

SOARES, Beatriz R. Habitação e produção do espaço em Uberlândia. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, São Paulo, 1988.

UBERLÂNDIA, Lei nº 837 de 29 de Dez. 1959 - Uberlândia, p.01.

UBERLÂNDIA, Lei nº 1.063 de 03 de Set. 1963 - Uberlândia, p.3-4.